

O BOUQUET D'ANGEJA

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1850. Semestre 750, Trimestre 325, Brazil 3.000 reis. — Numero avulso no proprio dia 10 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL DE LEÃO

ANNUNCIOS E COMMUNICACAO

Por linha 40, Repetições 20, Reclamação do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes cento de abatimento.

SUMMARIO

Artigo do fundo, *Augusto de Castro*.
A nossa missão, *Ricardo Souto*.
Noticiario.
Theatros, *Thalcave*.
Secção litteraria.
Austerlitz, *J. F. de Vasconcellos*.
Chiquita, (poesia) *Joaquim de Lemos*.
Historia triste, (conto) *Annibal de Leão*.
Eu vi-te chorar, A verdade, A uma rosa, (poesias) *J. F. de Vasconcellos*.
Sem titulo, (conto) *Antonio de Lemos*.
Folhetim, *J. F. de Vasconcellos*.

ANGEJA, 7 DE MARÇO DE 1887

O BOUQUET sem pretensões infundadas nem aspirações modestas vem tomar na imprensa portugueza o lugar que a cada um é permitido conquistar pelo estudo e pelo trabalho.

Nasce d'um pensamento, que, senão é elevado, é por certo de grande alcance pelos interesses legitimos, que tenta defender e pelos direitos valiosos, que procurará salvaguardar.

No lidar constante e movimento fecundo das sociedades modernas, que a sciencia economica aconselha e dirige e que o direito ampara e protege, tem o novo jornal proximo a principal rasão do seu apparecimento.

Angeja, que é uma das terras mais antigas da monarchia, que tem um passado illustre e que póde ter um porvir cheio de gloria, tem na actualidade paralisadas quasi todas as industrias que mais a podem en-

riquecer e conquistar-lhe o lugar de honra, que merece entre as terras de segunda ordem.

Tratar d'esses interesses e procurar defender as justissimas aspirações, que uma terra de certa grandeza póde e deve ter, foi o fim desinteressado e altamente louvavel d'aquelles, que briosamente quizeram tomar a responsabilidade d'uma publicação, que só lhes póde trazer desgostos, sacrificios e cansaços.

Mas, uma vez aceite o pensamento e conhecido o trabalho, que a cada um pertencerá, a sua realisação tornar-se-ha menos penosa e difficil, se todos comprehenderem, como é de esperar, a sua melindrosa missão.

São novos, illustrados e cheios de vida os homens que tomaram a seu cargo a realisação d'esta empreza jornalística, que um dia foi indicada por quem só tem por aquella extincta villa uma verdadeira dedicacão e um desinteressado entusiasmo, e porisso parece-nos poder afirmar que não será sem resultado a sua creação.

A sciencia e litteratura terão no novo jornal um elemento de aperfeiçoamento e vulgarisação; Angeja encontrará n'elle o seu melhor defensor.

Felicitamo-nos com o seu apparecimento; é um bom agouro de vida e progresso e oxalá que os seus redactores encontrem o fervoroso acolhimento de que são dignos e que merece a obra que emprehenderam.

São esses os nossos ardentes votos.

Augusto de Castro.

A NOSSA MISSÃO

NÃO ignoramos a espinhosa tarefa em que vamos empenhar-nos, onde mesmo os espiritos mais fortes caem fulminados pelo raio da critica ou ficam perdidos pelo ridiculo, nem ignoramos que aqui mesmo se applica a universal e celeberrima lei de Darwin, em que o mais fraco succumbe sempre perante o mais vigoroso e bem dotado, concorrendo com o material dos seus destroços para maior triumpho do vencedor, nem desconhecemos a desproporcionalidade immensa entre nós e esses batalhadores quotodianos, que contam o numero de suas coroas de loiros pelo das luctas em que entram, conscios das innumeradas difficuldades, que mesmo de improvisos surgem, e da inferioridade de recursos para resistir-lhe vimos muito humildemente solicitar d'esses campeões do progresso, nos cedam um cantinho do vastissimo campo de combate em que militam, onde tantas batalhas se ferem e tanto se aprende. Vimos rogar-lhes nos admitam n'esta grande eschola mesmo como ouvintes, d'onde tem saído os discipulos mais illustres. Promettimos conservar-nos prudentes e modestos, não perturbando nunca a marcha regular da vossa aprendizagem.

A falta d'um jornal no nosso districto, que tenha por divisa a instrucção, se espraie mais no campo fructifero da litteratura e sciencias do que se embrenhe na nebulosa da politica onde as luctas são não poucas vezes estereis, a voz da consciencia esmagada, a honra enxovalhada, a verdade calumniada e a calumnia triumphante actuou em nosso espirito, demovendo-o a pensar detidamente na idéa apresentada por um

cavalheiro illustre sobre a creação d'um jornal em Angeja.

Com effeito n'um periodo em que uma boa parte da nossa imprensa periodica se desvia ás vezes bastantemente d'um trilho recto e consciencioso, e, solicitada pela paixão indiscreta e muitas vezes indisciplinavel, desce a um plano, onde questões banaes constituem o seu principal objectivo, a calumnia e a mentira a sua arma offensiva e defensiva, a verdade, coisa insignificante que despreza e algumas vezes insulta, a inversão dos factos, regra geral, que adopta, o merito de homens illustres mal apreciado e deturpado, n'este periodo tão caracteristico que ás vezes mais nos faz lembrar um retrocesso que um progresso, mais se torna sensivel a falta de jornaes, que se obstênham d'esse caminho tortuoso, que orientem e instruem, que sigam um caminho sensato e prudente; que equilibrem aquella marcha desvairada e colaborem na renovação social, protestando contra essa estagnação moral, que ameaça invadir os espiritos ainda os mais puros.

Não é louca pretensão nossa prehencher esta lacuna por todos presentida e por poucos prevenida, nem mesmo occupar n'ella logar proeminente, porque temos a applausivel qualidade, não muito vulgar n'estes tempos, de conhecermos bem a deficiencia dos nossos recursos; mas nutrimos a louvavel esperanca de constituir uma componente, embora tenuissima, no sentido desejado, fazendo o que nos permittir a nossa boa vontade nas horas vagas da nossa vida escholar, confiando na collaboração e coadjuvação de cavalheiros, que generosamente nos prestam o seu auxilio.

E' pois, a instrucção o credo fundamental d'este semanario, condição essencial da sua existencia e

FOLHETIM

O noivado d'aldeia

(A A. A. F. V.)

I

ER. lomingo: na aldeia, como nos seus arredores, tanta gente que passeia! tantos trajos! tantas côres!

Lá vão, lá vão caminhando para a egreja, cujo sino desde manhã 'stá chamando p'ra novo officio divino.

Toca, repic festivo, desfaz-se em sons mui garridos, para chegar de mais vivo o seu chamar aos ouvidos.

E lá no adro da egreja 'stá muita gente á espera

como quem muito deseja o ver coisa d'alta esphera.

II

Uns conversam para um lado, de maneira mui serena: todos fallam do noivado d'Anacleto com Helena.

São os velhos: a calvicie já as fronteas despovoou, mas nem por isso a velhice memoria lhes annullou.

Todos fallam, mas saudosos do tempo que já passou e que foram venturosos cada um d'elles concordou.

As velhas além fallavam da noiva, que era formosa: ellas também recordavam a sua época saudosa.

III

Os moços, esses... coitados! alguns talvez preteridos,

diziam-se desgraçados e julgavam-se offendidos.

Alguns, que não attentavam nos dotes, que o noivo tinha, d'elle ao circulo fallavam de modo que não convinha.

Outros porém, mais prudentes, ouviam... nada diziam, por julgarem que os nubentes mais que elles todos valiam.

As moças, essas á parte, vestidas á domingueira, cochichavam da bella arte, que tivera a companhia.

Diziam como soubera trazer a si o rapaz, depois de fazel-o á espera estar já tempo d'assaz;

como lhe causou desejo, com a negrura do olhar e co'a bella côr de pejo, deixando um beijo roubar.

D'entré ellas se pretendia moreninha presumpçosa

ter do noivo a corte um dia, que não quiz por desgeitosa...

E co'orgulho bem fingido de valor mais que essa Helena tinha um risinho esvaído nos seus labios de morena.

Mas nem todas concordavam e entravam em discussão... p'ra as mais gradas appellavam, em solemne commissão.

Se a Helena não desejavam que fosse acima, em bom geito e co'a morena tratavam de lh' offuscar o conceito,

agora que a viam tal, a fazer-se donairoza, castigavam na rival sua phase presumpçosa.

Mas d'este facto importante foram de súz distraidas, por certo sem...

de Castro, dr. Simões dos Reis, Correa Leal, Antonio de Carvalho e dr. José Maria Barbosa de Magalhães todos progressistas e conselheiro José Dias Ferreira (?)

Districto de Coimbra

Conselheiro Emygdio Navarro, desembargador Francisco de Castro Mattoso, Guimarães Pedrosa, José Galvão, Bernardo Caria, Oliveira Mattos, Eduardo Villaça e conego Leite, progressistas; Souto Rodrigues, e Ferreira Freire, regeneradores.

Districto de Vizeu

Conselheiro Mariano de Carvalho, Francisco de Campos, J. Soares Pinto Mascarenhas, Antonio Ennes, Bandeira de Mello, Condé de Castello de Paiva, José Maria de Alpoim, Francisco de Faro e Noronha, José de Lemos e Napoles e Joaquim Heliodoro Veiga, todos progressistas e Augusto Fuschini, regenerador.

Districto da Guarda

Carlos Lobo de Avila, Simões Ferreira, Vicente Monteiro, José Maria Barbosa Collen, Francisco Fernandes Vaz e João A. de Pilla, progressistas; Azevedo Castello Branco e Pereira Carrilha, regeneradores.

Districto de Castello Branco

Alfredo Brandão, O'Neill, progressistas; José Domingos Ruivo Godinho, Baima de Bastos e Antonio M. Fontes Ganhado, regeneradores.

Districto de Leiria

Foram eleitos A. L. Tavarco Crespo, J. M. Santos Crespo, Eduardo de Abreu, J. Simões Dias e Francisco José Machado, progressistas; e João Gonçalves Pereira dos Santos, regenerador.

Districto de Lisboa

Ficaram eleitos: Thomaz Bastos, G. J. Ramires, J. V. Estrella Braga, Julio Pires, Pedro Monteiro, Jalles, Ignacio do Casal Ribeiro, Manoel José Corrêa, Mazzoti, Oliveira Valle, Luiz de Mancelllos, A. G. Gomes Neto Alves da Fonseca e Campos Valdez, todos progressistas, José Maria dos Santos, regenerador, Consiglieri Pedroso e Eliás Garcia, republicanos.

Districto de Santarem

Foram eleitos Ferreira dos Santos, Antonio Caetano, Ribeiro Ferreira, Augusto Victor dos Santos e Isidoro dos Reis, progressistas; conselheiro Manoel d'Assumpção e Avelar Machado, regeneradores.

Districto de Portalegre

Foram eleitos Frederico Laranjo, Fernando de Souza Coutinho, progressistas e F. de Gusmão C. Arouca, regenerador.

Districto de Evora

Foram eleitos Visconde Monsaraz, Vasconcellos Drummond e D. José de Saldanha, progressistas e Estevam de Oliveira, regenerador.

Districto de Beja

Foram eleitos Pereira Borgos, Ravasco, José Maria de Andrade, e Anselmo de Andrade progressistas e Victor da C. Sequeira, regenerador.

Districto de Faro

Ficaram eleitos Ferreira d'Almeida, Visconde de Silves, Joaquim Tello, Mariano Presado, Barros e Cunha e Elysen de Serpa, progressistas e Marchal Pacheco, regenerador.

Estão apurados cento e cinco deputados progressistas, vinte e cinco regeneradores, um constituinte e dois republicanos.

Ignora-se ainda o resultado de Villa-Verde, Felgueiras, Alijó e Idanha.

Falta também o resultado das accumulações, das quaes se supõe sairem dous republicanos, pelo menos.

No districto d'Aveiro só houve opposição em Oliveira d'Azemeis.

O governo protegeu fortemente a candidatura pela minoria do conselheiro José Dias Ferreira.

O nosso jornal. — O dia fixo da sua saída fica de hoje em diante á quarta-feira.

Artigo do fundo. — Abrimos o nosso jornal por um artigo pertencente ao ex.^{mo} snr. dr. Augusto Maria de Castro, irmão do illustre presidente do conselho de ministros. N'esse substancioso artigo transparece claramente qual o espirito, que presidiu a criação d'este jornal e quaes as suas modestas aspirações.

Artigo de fundo. — O sr. Joaquim de Vasconcellos, móço de muita intelligencia e illustração os leitores terão varias occasiões de apreciar. Pertence ao mesmo cavalheiro o artigo sobre Austerlitz.

Miniaturas em prosa. — Com o titulo que nos serve de epigraphe o snr. Neves Barreto, acaba de publicar um pequeno livrinho de contos em prosa.

Agradecemos o exemplar enviado a esta redacção, promettendo no numero seguinte fallar sobre o merecimento litterario d'esta nova publicação.

THEATROS

Cá me tens outra vez, amabilissima leitora; eis-me aqui prompto a fazer uma chronica theatral como quem bebe um copo d'agua; e é tal a vontade que tenho d'isso que se me dessem a escolher entre a chronica e a forca, declaro-te que não sei por qual me resolveria.

Não faças beicinho, formosa leitora, por eu ser um pouco franco de mais; mas, que queres? nasci rude e rude hei-de morrer. Apesar d'isso, todavia, não deixo de saber apreciar devidamente uma joven encantadora, d'olhos negros, cabelos da mesma cor, bocca carminada... etc. etc. etc.; nem deixo também de conhecer o respeito que é devido ao bello sexo; a esse bello sexo cantado em todos os tons maiores e menores pelos grandes poetas e ás vezes pelos que desejam muito ser poetas mas que estão muito longe de lá chegarem!

Mas como tu, leitora, sentes o teu amor proprio lisonjeado quando te elogiam a belleza, a elegancia, etc. etc. mesmo

quando o elogio provenha do bestunto de um parvo; de es gostar que eu te diga; que o meu maior desejo, a minha maior ambição é ouvir-te dizer ao terminares a leitura d'esta chronica:—*Este Thalcave podia ser bem mais massador!*—Quer isto dizer que o não fui muito.

Agora, se te não ciste, vamos de braço dado passeiar um pouco pelas plateias dos theatros do Porto. Ah! Eis-nos no Principe Real.

O *Diaphanorama!* Que bellissimas vistas, que nitidez, que perfeição, que maravilha! Não achas que é a primeira vez que assistes a um espectáculo em que te julgas na realidade, transportada aos paizes que o *Diaphanorama* te vai apresentando ante os teus olhos deslumbrados? Confessa que sim! E confessa também como eu, que o prof.^{sr} Danquy é um homem de rarissima habilitade.

Depois a companhia do theatro a fazer-nos desconjunçar a rir com a *Boquita dos Lacedemonios!* Então, quando a companhia, não passamos uma agradável noite no Principe?

Se te parece vamos agora até o S. João? Valeu? Está dito, Eis-nos chegados. Que brilhantes toilettes, que perfume inebriante reina em toda a sala, e como os camarotes e plateia estão apinhados!... Agorre me recorde! E' o beneficio do regante da banda da Guarda Municipal! Attenção! Sabiu o panno... —Então? Gostas-te da Viviani? Não achas-te que cantou muito razoavelmente a sua parte de Traviata? E do baritone Carson que dizes? Eu, por mim, não desgostei d'elle apesar de fazer um papel secundario.

O tenor... olha, passemos a diante.

E' verdade! Já foste ao Camões, ver a esplendida revista *Cartas na Meza?* Que graça! Que pueria! que chiste, que *verue!* Aquella Emilia Eduarda... quem o havia de dizer? Parecia que não matava um mosquito; e afinal sae-se a tozar... a tozar... e que toza! Olha que sei de muitos agorões que apparecem em me revista e que não estão satisfeitos com ella! Pudera! Ninguém gosta que lhe apontem os defeitos! Já estás cansada, leitora? Então, se te não oppões a isso, vou conduzir-te ao teu formoso *boudoir*. Ah! antes que me esqueça! dou-te parte que no S. João se andam a ensaiar com a maior actividade as operas—*Yvonne, Huguenottes, Fra Diavolo e Puxitanos*.

Tambem te quero dizer que vem ahí uma cantora para o Principe Real que vai deixar tudo abismado; vai fazer recordar as tão entusiasmaticas noites da Sembrida e dos Andrades. A celebre cantora chama-se a... silencio!... mdera a tua curiosidade e espera até á semana; por ora não digo o nome d'ella; mas posso dizer que já não ha camarotes nem um só logar de plateia! Que tal? Pelos modos deve ser um rouxinol. Adeus, paciente leitora, até á semana.

ESPECTACULOS

Sabbado, 12 de março de 1887

Theatro de Beccios.—Companhia do Theatro Camões, a revista do anno de 1886.—*Cartas na Meza*.

Domingo, 13 de março

Beccios.—Revista do anno de 1886.—*Cartas na Meza*.

Principe Real.—A primeira representação da operetta em 3 actos.—*Os bandidos*.

Baguet.—O drama.—*A Martyr*.
N. João.—A opera.—*Um ballo in maschera*.

SECÇÃO LITTERARIA

AUSTERLITZ

Nature had no obstacles that he did not surmount — space no oppositon that he did not spurn: and whether amid Alpine rocks, Arabian sands or Polar snows, he seemed proof against peril and empowered with ubiquity!

C. Phillips.

NADA mais admiravel, nenhuma lição mais proficna na historia que a vida de Napoleão Bonaparte. Já quasi um seculo vai sobre o tempo em que elle fez tremer a Europa e ditou leis ao mundo, já sessenta e seis annos volveram sobre o tumulo que primeiramente o recebeu no valle de Géranium, um valle pequeno e limitado de rochosas montanhas, d'um aspecto magestoso e tetrico, n'uma ilha deserta no meio do Atlante e todavia ainda ninguem esqueceu o filho d'um simples notario de Corsega, tornado dos primeiros capitães e politicos d'este seculo.

Apoiado na protecção do general Marboeuf, governador francez da ilha patria, que alguém supõe amante de Leticia Bonaparte, depois que ficou viuva, foi vivendo até que veio com Marboeuf a França, acompanhado de Luciano, seu irmão mais novo e José, o primogenito. O general collocou-o na Escola Militar de Brienne e ali o joven Napoleão achou segura via para realizar a sua ambição de ostentar umas dragonas de flocos d'ouro, seu sonho dourado, segundo elle proprio confessou em um manifesto, que, por qualq'ue tempo, se viu em Londres no anno de 1817, da rocha solitaria em que estava prisioneiro.

Sabe-se geralmente, que o cerco de Toulon deu ao moço Bonaparte o ponto d'apoio para a sua futura elevação: o chefe de batalhão transformou-se em general de brigada; a brigada cedo deu lugar á divisão; a chefatura do exercito d'Italia, que batia a Austria e o archiduque, substituiu aquella e Arcoles e Lodi provaram o merecimento do primeiro general; em seguida a campanha do Egypto, depois o consulado temporario e logo depois o primeiro cidadão governador vitalicio da Republica Franceza, transformado no imperador Napoleão I, sagrado, mas não coroado, por Pio VII, que de proposito transpoz os Alpes, em direcção a Paris, na persuasão que o novo soberano lhe faria certas concessões, de que dependia o lustre da Santa-Sé.

Não tencionamos descrever a vida aventureira do filho de Leticia Bonaparte, nem tam pouco avaliar da sua politica, porque, se a França lhe deveu glorias immorredouras, os seus generaes e ministros principados, riquezas immensas e reinos, a Hollanda, a Suissa, a Peninsula, a Suecia, a propria Italia, Roma e Napoles, a Sardenha, os principados do Rheno deveram pouco á sua generosidade; a Russia, a Prussia e a Austria, pouco ás suas armas, que lhes não deixavam uma victoria; e Inglaterra, essa, a inimiga antiga, jurada, perpetua, não de Napoleão, porque era Napoleão, mas de Napoleão, porque era soberano da França, a hyena dos combates, como ainda ha pouco lhe chamava por occasião dos ultimos boatos de guerra, um conceituado e antigo jornal de essa deuen-lhe alguma coisa que as nações do continente:

uns milhões de libras esterlinas e de soldados britannicos de menos, as revoluções da Irlanda, a morte inqualificavel do Capitão Wright, o assassinio do Duque d'Enghien, a prisão de Sir Jorge Rumbold, as discordias de Londres, a victoria d'Aboukir, a de Trafalgar, com a perda do almirante Nelson e por ultimo deveu-lhe a victoria de Waterloo, ganha por sir Arthur Wellesley, duque de Wellington, com o poderoso concurso de general prussiano Blücher.

Pertencerá á historia julgar o soberano plebeu assentado no throno de S. Luiz e no duello de morte travado entre Bonaparte e Jorge III ou entre os gabinetes de Saint Cloud e S. James um historiador do cunho do nosso grande e immortal Hercules no decidirá para qual lado pendeu a razão e se os assassinios, roubos, extorsões, violencias e traições, contra todos os direitos nacionaes e internacionaes, commettidos na primeira quinzena do seculo corrente em todo o globo pelo consul e imperador Napoleão ou á sua ordem foram justamente pagos com a queda d'Waterloo e com o mandado de passeio a Santa Helena, a bordo do Northumberland, ás ordens do almirante Cockburn, quando elle vinha entregar-se, como Themistocles, ao seu inimigo e pôr-se ás suas ordens, depois de quasi expulso pelos francezes, que foram seus vassallos de facto, mas chorado por seus soldados, que tantas vezes conduzira á victoria, á riqueza e elevara ás summas dignidades.

O facto de Plymouth, depois da contractedade de Torbay, seguido da passagem do Bellerophon para o Northumberland, a prisão de Longwood, a tutoria inquisitorial de sir Hudson Lowe, governador da ilha, o abandono de quatro irmãos, tres dos quaes fizera reis, d'um general traidor, a que fizera tambem rei, de quatro irmãs e cunhados, de que trez fizera principes e princezas e Murat, com a esposa, reis de Napoles, d'um enteado, vice-rei d'Italia, d'um tio, que fez cardeal e successor de Pio VII, a separação d'um filho, que sincera e ternamente amava e d'uma esposa, de que era orgulhoso, que ainda se chamavam Napoleão II e a imperatriz Maria Luiza d'Austria, o abandono dos seus validos, só quatro dos quaes o acompanharam e soffreram por elle, Bertrand, conde de Las-Casas, Gorgaud e Montholon, a solidão em que vivia, os seus padecimentos physicos e moraes, o seu mau tratamento, a sua quasi immobilidade, flagello a um robusto organismo, como o d'elle e muita coisa mais, devia tudo certamente fazer vergar aquelle animo forte e ter saudades, saudades! do passado, de aquelle passado brilhante, mas cheio de crimes, d'aquellas victorias de tanto lustre ás suas armas e de tanto alcance ao seu poder, mas inundados com o sangue de muitos bravos, as lagrimas de muitas mães, mães! irmãs e, quem sabe? se mais d'alguem talvez...

Aquella cabeça que fôra ornada com a corôa de ferro de Carlos-Magno, de quem elle queria ser e era em parte o retrato devia, muitas vezes curvar-se e lembrar-se do bello sol d'Austerlitz, d'uma das mais brilhantes senão a mais das suas victorias!

A batalha, appellidada pelos soldados dos Trez-Imperadores devia de ser para elle de saudosa recordação, para elle, prisioneiro n'outro hemispherio, que fôra traído pela Inglaterra, em quem confiára, mas que lhe não fizera como elle mandára fazer a Gustavo Adolfo, a Luiz XVIII e ao infeliz duque d'Enghien nos fossos de

Vincennes, e ao leal e Wright no Templo!

(Continúa).

J. F. de Vasconcellos.

Chiquita

Não ha quem dance melhor em toda a terra de Hespanha com mais salero e primor do que a da trança castanha!..

Aquelle corpo delgado, alto, flexivel, correcto, tem o demonio entranhado que não póde estar quieto.

Quando ella dança, a chiquita, toda desembaraçada, ondula a saia de chita e vê-se a perna e... mais nada.

Os olhos d'ella são fogo como fogo d'um vulcão. A gente vê-os e logo fica doido de paixão.

Devias ter, seguidilha! hespanhola singular uma formosa mantilha do azul d'um céu com luar

e a lua para pandeiro, por castanholas, estrellas! Que bello rosto trigueiro! Que tranças fartas e bellas?

Eu só por vel-a uma vez fiquei perdido d'amores com um jeito que ella fez de seus olhos tentadores.

Não ha quem dance melhor em toda a terra de Hespanha com mais salero e primor do que a da trança castanha.

Aquelle corpo delgado alto, flexivel, correcto tem o demonio entranhado que o não deixa estar quieto.

Quando ella dança, a chiquita, toda desembaraçada, ondula a saia de chita e vê-se a perna e... mais nada.

Joaquim de Lemos.

HISTORIA TRISTE

(A MINHA MÃE)

—Meus senhores, hão-de confessar que não é muito agradável na presente occasião, ter-mos entre nós um rapaz que ainda não levantou um brinde ao heroe da festa, que não teve a condescendencia de nos mostrar um sorriso, nem a amabilidade de provar uma só das variadas iguarias de que a meza está tão repleta!

Decerto já todos comprehenderam que me refiro a Carlos de Charny?! —Tens razão, Arthur; no dia d'hoje em que só deve reinar a alegria, a alegria franca e sincera de verdadeiros amigos que festejam o anniversario natalicio do mais distincto sportman da cidade de Paris, não se deve admittir a mais leve sombra de melancholia no rosto de nenhum dos convivas! Imaginem vocês o effeito que faria este banquete se todos tivéssemos o mau gosto de estarmos como Carlos!

N'esse caso seria melhor irmo-

Não ach... —Appoiado! Abaixo a Fôra a melancholia! Viv zer!

A' saude do amphytrião! por Alfredo de Meursault! Hip! Hip! Hip! Hurrah!

—Hip! hip! hip! hurrah! gritaram todos os convivas.

—Ora esta! exclamou Alfredo de Meursault; vocês não querem vêr?! O Carlos!... O Carlos a chorar!!

—Tu choras, meu amigo?! interrogou Alberto dirigindo-se a Carlos; tu choras?! Que tens? Dize? Que tens?

Que tenho?! murmurou Carlos com as lagrimas a correrem a quatro e quatro pelo rosto, tenho... não tenho nada!...

—Isso é que não pode ser! Ha-de haver um motivo qualquer que te faça estar triste! Ninguem chora sem razão!

—Carlos! exclamou Alfredo de Meursault; dize, vá; que te afflige? Conta-nos as tuas penas; não somos nós teus verdadeiros amigos?!

—Oh! sim! respondeu Carlos; tenho-os como amigos dedicados; e tanto assim os considero que lhes farei conhecer a causa d'esta magua... amanhã... em minha casa...

—Amanhã! E hoje, porque não?

—Hoje! No dia dos teus annos, Alfredo! Não! Isso não! Para que hei-de fazer passar as nuvens da tristeza onde brilha o sol radiante da felicidade! Para que hei-de tornar os vossos corações confrangidos pela dôr sincera que experimentareis perante a narração dolorosa dos meus pezares, quando elles agora pulsão de ventura de jubilo e de prazer?!... Não!... Não!... hoje... não!

—Carlos! disse Alfredo levantando-se; tenho-te dado immensas provas da minha amisade, da minha ternura d'irmão, pois é em nome d'essa amisade que te peço para me contares tudo aquillo que te afflige e opprime. Desabafa com os teus amigos como o farias com tua mãe. Fazes o que te peço?...

—Minha mãe! interrompeu Carlos tornando-se horrivelmente pallido; minha querida mãe!... Oh! sim! sim; Alfredo, faço o que me pedes; vou contar tudo!

—Ora ainda bem!

Os oito amigos foram sentar-se de volta de Carlos guardando religioso silencio. Parecia que todos aquelles jovens, mesmo antes de saberem a historia que iam ouvir, adivinhavam a grande dôr que o seu amigo soffria! Juvenis corações onde imperavam ainda os nobres sentimentos! Talvez um dia se pervertessem como tantos outros e se transformassem no marmore da crueldade e da indifferença!

Carlos, depois de meditar por alguns instantes principiou n'estes termos, com voz grave e melancholica, com essa voz que faz vibrar todas as fibras dos corações que a ouvem quando ella é proveniente d'uma alma amargurada pelos desgostos e pelo soffrimento moral:

—Só tu, Alfredo, serias capaz de me fazeres assistir a este banquete; e só depois de ouvires a historia que vou narrar apreciarás então melhor o enorme sacrificio que fiz em aqui vir; e conhecerás demasiado a grande prova de amizade que te dei em não faltar á tua festa.

N'este ponto, Carlos...

—Achava-me em Roma na occasião em que foi proclamada a republica em França depois de ter rolando sobre o cadafalso a cabeça de Luiz XVI.

Minha mãe, irmã logo depois da

...da política não de-
podiam ficar impunes!
Minha mãe accusada de um cri-
me d'alta política, aquella santa ac-
cusada de conspiradora!
Todas as minhas diligencias fo-
ram inuteis. Julia parecia um cada-
ver; a pobre creança não se podia
conformar com a ideia de perder a
sua querida mãe. Chorava dia e noi-
te arrependida de se ter escondido
quando os assassinos tinham ido
prender seus tios e sua mãe! Mas,
ignorava tudo; não imaginava que le-
variam para a masmorra uma pobre
mulher innocente e indefeza! Chegou
o dia da execução. Era um sabbado.
A praça de Grève estava repleta de
espectadores. A cavallaria a custo
continha a enorme multidão que ro-
deava a guilhotina. O carrasco lá es-
tava, sereno, grave, impassivel! Julia
apezar de todos os meus rogos,
acompanhou-me; quiz dizer o ultimo
adeus a sua mãe; antes não fôsse.

A's 7 horas os clarins atroaram
os ares, os tambores rufaram sínis-
tramente e a multidão gritou: — Lá
vem elles! Lá vem elles! — Era ver-
dade! Senti-me desfallecer ao divi-
sar a carreta dos condemnados!
Eram seis. Minha mãe vinha entre
meus tios; pallida, é verdade, mas
firme e corajosa!

O lugubre cortejo chegou aos de-
graús docadafalso e os condemnados
desceram para se entregarem nas
mãos dos ajudantes do carrasco.

Minha mãe devia ser a terceira
supplicada.
Quiz correr para ella, mas os sol-
dados impediram-me com as bayone-
tas. Julia desmaiou á vista da pri-
meira cabeça decepada. Seguiu-se o
segundo condemnado; depois
era... minha mãe! N'esse momen-
to senti uma força sobre-humana;
dei um salto prodigioso por cima
das baionetas lancei por terra a quem
me impediu o caminho e fui cair nos
braços de minha mãe!

—Carlos! exclamei eu
desvairado, onde está ella?!

—Cala-te, Carlos! respondeu Ju-
lia; e prepara-te para o grande golpe
que vais receber; appella para toda a
tua energia e ouve a mais terrivel
e horrorosa phrase que um filho
como tu pode ouvir a respeito de sua
mãe! Carlos! meu irmão! Tua mãe,
a nossa querida e santa mãe vai ser
guilhotinada dentro de oito dias!!

Soltei um grito dilacerante e per-
di os sentidos. Quando os tornei a
recuperar tinham-se passado tres
dias!

—Como! exclamaram os ouvintes
de Carlos; tua mãe foi guilhotinada!!

—Foi, sim; foi guilhotinada!

E eu, Carlos de Charny sou filho
d'uma supplicada!

—Infeliz senhora! Desgraçado
amigo! murmurou Alfredo commo-
vido até ás lagrimas; mas, continúa,
Carlos; continúa essa tão dolorosa
narração.

—Depois de reunir todas as
ideias e recordar-me da terrivel rea-
lidade, corri ao carcere onde estava
encerrada minha querida mãe. Foi-
me impossivel vel-a; por mais que
suppliquei, rognei, chorei e amea-
cei, aquelles homens deshumanos
não se enterneceram, não compre-
henderam a dôr immensa que tras-
bordava do coração d'um filho que
desejava ver pela ultima vez sua
mãe!

Respondiam que: — *cumpriam*
as ordens recebidas! — Ordens bar-
baras! dignas só de carrascos e de
assassinos! Imploréi a compaixão
dos juizes; rojei-me aos pés dos mais
considerados republicanos pedindo
aquella infeliz; tudo foi
aquelles miseraveis obde-
ciam todos a essa trindade malôita
chamada: *Robespierre, Danton e Ma-*
rat!

Fallei a *Robespierre*, respondeu-
me com um sorriso d'escarneo!

Ruiz commover o coração de *Dan-*
ton, disse: — *Que assim era necessaria,*

—Divirtir! interromperam todos;
quem ha-de ter vontade d'isso depois
de te ter ouvido? Acompanha-mos-te
todos!

—Obrigado! queridos amigos,
muito obrigado!

Porto, 6-3-87. *Annibal de Leão.*

Eu vi-te chorar!

(BYRON)

Vite chorar a bella e grossa lagrima,
que dos olhos te veio azues de ceu...
uma violeta, que goteja orvalho,
julguei-a então e assim me pareceu...

Vite sorrir! — e a chamma da saphira
ao pé de ti o seu brilhar findou!
os vivos raios, com que tu fulgurás,
nunca a brilhante chamma semelhou!

Quaes essas nuvens d'aquell'sol recebem
uma profunda, mas suave cor,
que só a noite, que já vem visinha,
as pode afugentar no seu transpôr;

os teus sorrisos a alegria pura
ao mais modesto espirito lhe dão;
seu brilhantismo esquece atraz um raio,
que vem luzir ao nosso coração...

A VERDADE

(LONGFELLOW)

Quando p'la noite as rãs estão coaxando,
dai-lhes clarão de fachos luminosos:
como tudo, ah! fica em silencio! assim
faz calar a verdade aos mentirosos.

A uma rosa

(MRS. HEMANS)

Tua belleza, florsinha,
oh! como foi passageira!
uma hora como rainha,
floresceste só e agora
rolas já n'essa poeira!
Assim a humana grandeza
passa ligeira e desceora,
fugindo, fugindo além,
qual leve passa a riqueza
e, por um dia, a belleza
só nos visita também.
Só a virtude não passa
por nós assim tão ligeira;
l'licidade verdadeira
só n'ella se pôde achar:
e, qual perfume na rosa,
vive, ha já quão descuida,
tal a virtude na vida
nos pôde muito durar,
inda que toda esta graça
de nós nos fuja ao passar.

Porto—1886. *J. F. de Vasconcellos.*

SEM TITULO

(a A. R.)

A NDAVA acabrunhado, triste,
não sabia o que fazer.

Gostava muito d'ella e não se
atrevia a dizer-lh'o. Quando estava
longe planeava mil declarações, con-
cebiam phrases artisticamente ren-
dilhadas, cheias de termos modernos,
mas, via-a, ia para lhe fallar no seu
amor, e fugiam-lhe os termos, desfa-
ziam-se as phrases, os planos não se
realisavam e as declarações que ti-
nha phantasiado ficavam-se muito
escondidas a um cantinho do cere-
bro sem se atreverem a sahir e a vi-
verem sobre aquelle coraçãozinho

de pomba mansa, que ella guardava
no seu seio casto.

E contudo, aquelle rosto moreno
d'um oval correctissimo, aquelles
dous olhos muito vivos, muito ale-
gres, aquella bocca vermelha como
uma rosa tinham uma tal acção ma-
gnética, uma tal força de attracção,
que elle ficava-se a olhal-a, sem dizer
palavra, n'uma adoração feticista.

E ella, como conhecia a sua in-
fluencia sobre o pobre rapaz, volta-
va-lhe o rosto n'um desprendimento
enorme, como se lhe aborrecesse a
vista d'aquelle olhar cheio de paixão,
que a persegua sempre, sempre.

E elle, triste, acabrunhado, canta-
va a sua paixão n'uns versos repa-
sados de sentimento, que escondia
das vistas dos curiosos, muito escon-
didos na sua carteira.—Bocades do
coração—dizia, quando lhe pergunta-
vam o que trazia ali, na volunosa
carteira, sobre o coração.

*
*
*

Começou de passar lá na rua, e
nunca a viu. Quem sabe se ella fugi-
ria de lhe apparecer, ou se a sorte
adversa lhe faria essa pirraça? Quem
sabe?...

E demais, elle, nunca lhe tinha
declarado o seu amor tão puro, tão
verdadeiro.

Não sabia, não achava meio de
lhe dizer que a amava, desde essa
manhã d'agosto em que a viu pela
primeira vez.

Uma manhã quente de verão,
d'estas em que o sol rolando pelo
azul põe na areia fina das calçadas
um rebrilhar immenso de diamantes
que cega, e na atmosphera um calor
aspixiante que soffoca.

Ella, vinha adoravel, toda vistida
de claro; uma toilette amarellada,
muito simples, muito elegante. O
vestido dei... os pequeni-
nos pés cat... umas botinas mi-
gnanes, que nos seus passos ligei-
ros e miudinhos faziam lembrar duas
pombas a saltitar descuidadas n'uma
larga eira.

Encobria com a marquesinha de
seda negra, as suas faces morentas,
dos beijos ardentes do sol abrasa-
dor.

O chapéu vermelho dava áquelle
rosto vivo e alegre um tom gatoto
que fascinava, e os seus olhos, como
dous brilhantes, magnetisavam-nos a
alma e enchiam-nos o coração de
amor e esperança.

Elle viu-a subraçando uns livros
francezes e um rolo de musicas, e
o seu olhar abriu-lhe uma ferida
n'aquellê coração decançado de ra-
paz de vinte annos.

*
*
*

E hoje quando a vê toda a sua
alma esvoaça no azul indefindo
n'uma idealisação casta.

Mas, como a incerteza é grande,
anda acabrunhado e triste phanta-
siando sempre declarações decisivas
em phrases modernas artisticamen-
te rendilhadas.

1887—4—30.

Antonio de Lemos.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a
este jornal deve ser dirigida á re-
dacção, rua do Pinheiro, 61—Porto.

IMP. REAL DE PEREIRA DA SILVA
Praça de Santa Thereza—Po